



HAL
open science

Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites

Elisa Kluger

► **To cite this version:**

Elisa Kluger. Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites. *Tempo Social*, 2017, 29 (3), pp.83. 10.11606/0103-2070.ts.2017.125961 . hal-04497146

HAL Id: hal-04497146

<https://hal.science/hal-04497146>

Submitted on 9 Mar 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Espaço social e redes

Contribuições metodológicas à sociologia das elites

Elisa Klüger

Introdução

Poderíamos continuar a buscar uma a uma as relações múltiplas, de proximidade e de distância, de afinidade e aversão, de simpatia e antipatia que se estabelecem entre diferentes categorias de padrões; as relações de vizinhança sendo, evidentemente, tão importantes quanto as relações de oposição, porque as *afinidades de estilo de vida* que elas exprimem são sem dúvida as condições permissivas, senão necessárias, ao estabelecimento dos *vínculos* de todas as ordens, oficiais ou informais ou até mesmo clandestinos, como os casamentos, a participação em conselhos de administração, os clubes ou os grupos de amigos (de antigos alunos), a frequência aos mesmos salões, aos mesmos jantares, às mesmas classes etc., as “ligações” amorosas ou os acordos. Poderíamos, de fato, supor que é por meio da orquestração imediata do *habitus* e da homogeneidade dos estilos de vida que se realiza tudo aquilo que, no campo, não é possível ocorrer sem o intermédio das relações pessoais, como as trocas de informações, de serviços (entre outros financeiros), as operações de cooptação e, em particular, a escolha de *sucessores* (Bourdieu e Saint Martin, 1978, p. 37, grifo dos autores).

A sociologia das elites de matriz bourdieusiana¹ interessa-se pelos vínculos entre membros das frações dominantes, visto serem fundamentais à conquista de prestígio

1. Para balanços nos quais estudos de sociologia das elites feitos sob a perspectiva bourdieusiana são situados em relação a outras tradições de pesquisa na área, ver Kahn (2012); Denord *et al.* (2011) e Bühlmann *et al.* (2012).

e poder e à reprodução da relação de dominação. Tais vínculos, argumentam Pierre Bourdieu e Monique de Saint-Martin, funcionam como canais de circulação de informações econômicas e políticas restritas, como vias para cooptação para postos de destaque e para escolha de sucessores. Operam, igualmente, como reforço por meio dos casamentos, das amizades, da formação de clubes etc., do *entre soi* que assegura a coesão e circunscrição das elites. Os autores sustentam, ademais, que a convergência das propriedades objetivas e disposições subjetivas daqueles que ocupam posições próximas no espaço social, ou seja, as afinidades decorrentes da orquestração dos *habitus* e da homogeneidade dos estilos de vida facilitariam a costura de vínculos entre os agentes.

Este artigo se dispõe a discutir vias para analisar concomitantemente propriedades sociais e laços e apresentar uma forma de testar a hipótese segundo a qual afinidades de *habitus* resultantes da proximidade no espaço social aumentariam a probabilidade dos indivíduos de estabelecer conexões efetivas². Para tanto, propõe que se conciliem estudos do espaço social, tal qual conduzidos por Pierre Bourdieu e seus seguidores³, com análises sobre os padrões de costura de laços sociais representadas na forma de redes sociais.

No que concerne à metodologia, a sociologia bourdieusiana privilegiou o desenvolvimento de representações geométricas, delineadas com base em análises de correspondências múltiplas. Procedimento relacional que expressa distâncias entre propriedades sociais, desenvolvido por Jean Paul Benzécri e adotado por Bourdieu por expressar polarizações entre agentes, decorrentes da distribuição desigual de recursos, sendo que tais polarizações estariam na raiz das lutas travadas para determinar os princípios dominantes de dominação⁴ (Lebaron, 2010, p. 103).

Ainda que Bourdieu e Saint-Martin destaquem o papel que o “intermédio das relações pessoais” tem na moldagem do campo, o exame dos vínculos permaneceu restrito a análises qualitativas, nas quais trechos de entrevistas e documentos são mobilizados para descrever casos exemplares de aproximação entre membros das frações dominantes. Não houve, portanto, uma integração do estudo dos laços ao modelo de representação do espaço, resultando não ser possível testar quantitativamente se os vínculos a rigor mais prováveis, dada a “orquestração imediata dos *habitus* e da

2. As reflexões que deram origem ao presente artigo foram apresentadas em forma preliminar no 40º Encontro Anual da Anpocs (Klüger, 2016). Agradeço aos comentários recebidos dos professores Sergio Miceli, na apresentação do *paper*, e Ana Paula Hey, para a elaboração do artigo.

3. No Brasil destaca-se o trabalho de Hey (2008), por significar o primeiro uso da análise de correspondências relacionada ao espaço dos acadêmicos brasileiros.

4. Para uma história do desenvolvimento das análises geométricas e da conexão entre teoria e método na obra de Pierre Bourdieu, ver Lebaron (2010).

homogeneidade dos estilos de vida” resultante da proximidade no espaço social, são aqueles que efetivamente têm maior chance de se concretizar.

Estudos recentes procuraram suprimir essa lacuna por meio do emprego concomitante do espaço social geometricamente demonstrado e de desenhos de redes sociais, com o objetivo de representar e analisar a formação de laços à luz das propriedades sociais (Anheier *et al.*, 1995; Sapiro, 2006; Bottero e Crossley, 2011; Sonnet, 2016; Serino *et al.*, 2017). Para tanto, desenvolveram fórmulas nas quais o uso das redes – frequentemente associado ao paradigma interacionista – aparece subordinado à tese bourdieusiana, sendo os laços inseridos em espaços sociais estruturados e polarizados.

Desse modo, o artigo apresentará brevemente os princípios subjacentes às análises de redes, bem como as principais críticas sustentadas por Pierre Bourdieu a pesquisas que as empregam, centradas na falta de contextualização social dos agentes e dos laços tecidos entre eles. Em seguida, serão discutidas duas vias percorridas por estudos na área de sociologia das elites que propõem a conciliação das duas metodologias, a primeira delas aqui intitulada *da rede ao espaço social* e a segunda denominada *do espaço social às redes*.

A conclusão explorará como a conjugação dos métodos permite à sociologia das elites, além de testar se a probabilidade de estabelecimento de vínculos varia em função das distâncias no espaço, operacionalizar a noção de capital social e oferecer ferramentas para endereçar temas como as nomeações e contratações para posições de poder e prestígio, a formação de vínculos de amizade, o estabelecimento de alianças políticas e profissionais, os casamentos e as escolhas de sucessores.

Tensões entre as lógicas subjacentes às representações do espaço social e das redes sociais

As ferramentas de análise de rede permitem construir representações simplificadas de emaranhados de vínculos sociais duráveis (que podem ser de interconhecimento, de trocas, de amizade, de lealdade, de parentesco, profissionais etc.) entre unidades (indivíduos, instituições, famílias, grupos etc.) que assumem uma determinada forma e estrutura (dependendo dos padrões de conexão entre as unidades) e que operam como canais de transferência e troca de bens materiais (mercadorias, dinheiro, presentes etc.) e elementos imateriais (como ideias, informações, afeto etc.). Assim, as análises de redes possibilitam que se explore sistemas concretos e contínuos de relações e interações entre agentes nos quais as relações sociais são tomadas como a unidade básica da sociedade. Caberia ao cientista social, no caso, investigar os padrões e as variações nas estruturas de relações e interações entre os atores presentes na rede, de modo a contextualizar a ação social, criada e recriada nas próprias interações

(Emirbayer, 1997; Marques, 2007, p. 159; Watts, 1999; Granovetter, 2007, p. 8; Lazega, 1998, pp. 6, 13; Smith-Doerr e Powell, 2005, pp. 379-390).

Pierre Bourdieu e seguidores manifestaram-se explicitamente contra a sociologia calcada na análise de redes, mas sua crítica recaía antes sobre a premissa interacionista subjacente às redes do que sobre a ferramenta⁵. Segundo eles, as redes foram tratadas como reconstruções de tramas de relações empiricamente observáveis entre agentes atemporais e indiferenciados – tão abstratos e intercambiáveis quanto o *homo economicus*. Assim, elas seriam limitadas, visto ignorarem a existência de estruturas sociais que precedem, ultrapassam e condicionam as tramas constituídas pelos vínculos concretos. Argumentam, ainda, que as redes em si são capazes de retratar padrões de vinculação entre os agentes, mas não de oferecer elementos para interpretar as razões do estabelecimento de tais vínculos e sustentam que o sentido da trama revelar-se-ia apenas à luz do conjunto de relações de força constitutivas dos espaços sociais hierarquizados – nos quais os agentes possuem diferentes dotações de capitais econômicos, culturais, simbólicos, políticos, dentre outros, estando posicionados uns em relação aos outros de acordo com os recursos e características herdadas e acumulados em suas trajetórias (Bourdieu, 2000, pp. 238-244; Denord, 2003, p. 240; 2015, p. 62; Lebaron, 2008, p. 127; Sapiro, 2006, pp. 46-48; Nooy, 2003, pp. 305, 317).

Nessa perspectiva, a análise geométrica, correntemente perpetrada por meio das análises de correspondências múltiplas (ACM), seria uma ferramenta de representação mais adequada ao retrato dos espaços estruturados, visto expressar polarizações objetivas que independem das interações face a face, decorrentes da distribuição desigual de recursos que estaria na raiz das lutas travadas para determinar os princípios preponderantes de dominação dominantes. Aqueles que aparecem em posições próximas no espaço criado com auxílio das ACMs teriam *habitus* comuns, ou seja, sistemas de percepção, apreciação e ação semelhantes (Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 16; Lebaron, 2010; Sapiro, 2006, pp. 46-48; Nooy, 2003, p. 306).

A perspectiva interacionista, por sua vez, acusa o modelo bourdieusiano de recair no *homo economicus* ao conceber o espaço social como resultante de linhas de forças que aproximam e afastam indivíduos que são caricaturas e se comportam como a teoria sugere que eles deveriam dada a posição que ocupam na estrutura invisível, e não complexos “agentes de carne e osso” (Becker e Pessin, 2006, p. 277). Howard Becker argumenta que sua noção de mundo, embora seja também uma metáfora, contém “toda sorte de pessoas engajadas em fazer coisas que requerem que se preste

5. Até mesmo porque a condenação do instrumento de pesquisa em si seria um ato incoerente com sua própria filosofia, visto defender uma sociologia que não fosse monoteísta do ponto de vista metodológico (Bourdieu, 1989, p. 25).

atenção às outras pessoas, que se leve conscientemente em consideração a existência delas e que se molde suas ações à luz do que os outros fazem”. Nesse caso, pessoas concretas e observáveis desenvolveriam suas ações como respostas aos movimentos efetivos daqueles com os quais interagem e à expectativa relativa ao que farão na sequência; não como “respostas automáticas a forças misteriosas que as circundam”⁶ (*Idem*, pp. 277-280).

De um lado, para que o estudo dos laços efetivos não seja desprovido de uma moldura estrutural objetiva, seria preciso situar os agentes e os próprios vínculos relacionalmente, ou seja, posicioná-los em espaços sociais hierarquizados. O enquadramento no espaço social dos laços permite que as redes figurem imersas em meio às propriedades sociais e, portanto, não possam ser tomadas como interações fortuitas entre agentes indiferenciados (Bourdieu, 2000, pp. 242-243; Lebaron, 2005, pp. 75-76; 2008, p. 127; Denord, 2015, pp. 66-71). De outro lado, ao representar as composições, recomposições e padrões de vínculos entre indivíduos “de carne e osso” e com *habitus* específicos relacionalmente delineados, logra-se indicar os entroncamentos concretos subjacentes à emergência das práticas e observar a quem os indivíduos respondem ao ajustar suas ações e disposições (Becker e Pessin, 2006, pp. 277-280; Bottero e Crossley, 2011, pp. 101-104).

Das redes ao espaço social e do espaço social às redes: dois caminhos para a caracterização das interações sociais

Nas últimas décadas foram publicados trabalhos que sugerem caminhos para a compatibilização metodológica nos quais as redes que conectam indivíduos concretamente vinculados não são usadas como ferramenta voltada ao estudo de uma ordem social dinâmica, constantemente criada e recriada nas interações, como sugere o interacionismo, mas como um método capaz de iluminar os padrões de efetivação, nos laços, de estruturas sociais relacionais e desiguais, tal qual concebidas por Pierre Bourdieu. Apresentam-se, a seguir, duas vias para conjugar análises de redes e estudos do espaço social, sendo cada uma delas ilustradas por pesquisas advindas da sociologia das elites.

6. Wendy Bottero e Nick Crossley ressaltam que Bourdieu, em seus estudos históricos e empíricos, atribui importância aos laços e redes, caso, por exemplo, da centralidade por ele conferida, nos estudos sobre o campo da arte, aos cafés, ateliês e outros pontos de encontro e troca que funcionam como espaços para experimentação conjunta e influência mútua, tendo efeitos na formação das convenções artísticas. Ainda que os encontros efetivos entre sujeitos concretos ajudem a explicar convergências de estilos e *habitus* encontradas em suas pesquisas, Bourdieu não os inclui teoricamente em seu modelo como elementos geradores da estrutura do campo (Bottero e Crossley, 2011, p. 101).

Das redes ao espaço social

O primeiro caminho que poderia ser percorrido com a intenção de conjugar análises de redes e análises geométricas *parte do desenho das redes para construir o espaço social*. Em seu artigo “Ambivalence, indifference, distinction: a comparative netfield analysis of implicit musical boundaries”, John Sonnet (2016) apresenta uma primeira afinidade entre as metodologias ao afirmar que tanto a análise de redes quanto as análises de correspondências derivam de perspectivas teóricas que advogam pelo trabalho quantitativo e qualitativo associado, sendo que as descrições quantitativas precedem interpretações necessariamente qualitativas das partições observadas nas redes e nos espaços sociais. Wouter de Nooy, por sua vez, apresenta uma segunda compatibilidade ao destacar, em “Fields and networks: correspondence analysis and social network analysis in the framework of field theory” (2003), semelhanças nos princípios segundo o qual são construídas as redes e as análises de correspondência, tratando-se os dois métodos de vias orientadas para a produção de representações espaciais baseadas em concepções sociais relacionais que demarcam distâncias sociais entre agentes, estando mais próximos quanto mais afinidade.

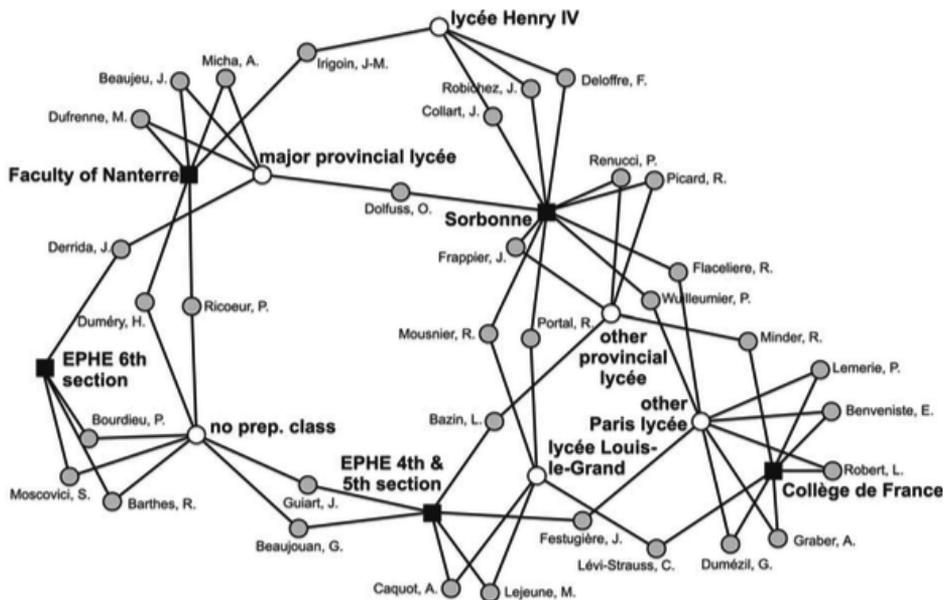
No caso das ACMs, aparecem próximos aqueles que têm *habitus* afinados. Nas redes, aproximam-se os que possuem vínculos sociais e institucionais semelhantes. Segundo o autor, a ACM tem a vantagem de organizar as polaridades que qualificam eixos e permitir que agentes e propriedades sociais sejam representados concomitantemente e posicionados uns em relação aos outros. Já a rede tem a vantagem de não apenas retratar a estrutura geral de polaridades entre agregações formadas por agentes e instituições, mas fazê-lo indicando quais vínculos e interações concretas são mobilizáveis na organização das ações conduzidas para reproduzir e transformar as linhas de força que tensionam o espaço.

Com a intenção de demonstrar que as redes, ao exibir as conexões entre agentes e entre agentes e instituições, poderiam expressar princípios de polarização semelhantes aos das análises de correspondências, Wouter de Nooy desenha uma rede com base nos pertencimentos institucionais dos agentes mencionados na obra *Homo academicus* de Bourdieu (2008, p. 73). Ele avalia que, visto o pertencimento às instituições superiores ser elemento fortemente determinante da estrutura do espaço social, as clivagens entre agentes e instituições tal qual representadas na rede (Figura 1) resultam em diagrama espacial e estrutura de polaridades semelhante àquela delineada na análise de correspondências do livro de Bourdieu (Figura 2).

A semelhança dos diagramas torna-se visível quando se verifica que as distâncias relativas das escolas circuladas na ACM e nos quadrados pretos na rede são praticamente as mesmas nos dois diagramas. Por exemplo, no eixo vertical da ACM encontra-

FIGURA 1

Rede Construída por Wouter de Nooy com Base nos Dados de Homo academicus de Pierre Bourdieu



Fonte: Nooy (2003, p. 314).

FIGURA 2

Análise de Correspondências Múltiplas de Homo academicus



Fonte: Bourdieu (2008, p. 73).

-se em um extremo o Collège de France e em outro Nanterre, estando a Sorbonne posicionada ao centro. Próxima à Nanterre figura a École Pratique des Hautes Études 6 e à Sorbonne as Écoles Pratiques 4 e 5. Ao seguir a comparação ponto a ponto, é possível verificar que quase todas as distâncias se mantêm ao construir o espaço com auxílio da rede.

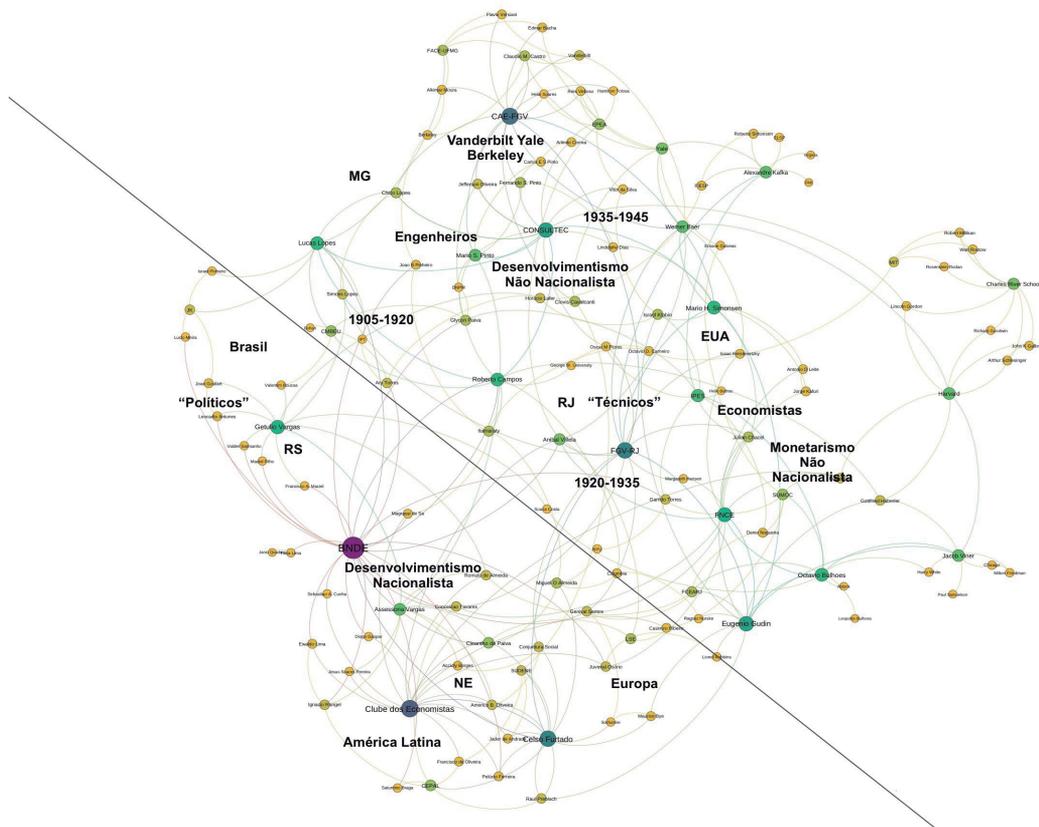
Wouter de Nooy atribui tal compatibilidade aos princípios constitutivos dos métodos, calcados em representação relacional e dispersão espacial em função das proximidades e distâncias sociais. De Nooy não propõe, entretanto, maneira de integrar as duas metodologias e representar simultaneamente os dados relativos às propriedades sociais representadas no espaço e aos vínculos que constituem as redes.

Uma possível via para conciliar, em uma mesma representação, laços e propriedades sociais consiste em delinear o espaço social a partir da construção da rede e nela sobrepor as propriedades sociais. Esse procedimento permite caracterizar socialmente os agentes presentes na rede e dar sentido à estrutura de polaridades observada. Tal caminho foi percorrido no trabalho *Meritocracia de laços: gênese e reconfigurações do espaço dos economistas no Brasil* (Klüger, 2017), que tematizou o surgimento e as transformações vividas pelo espaço dos economistas no Brasil ressaltando a profunda dependência dos laços para alcançar os postos públicos de maior poder e prestígio, não obstante sejam as indicações justificadas publicamente com base em credenciais especializadas reconhecidas como meritocráticas, daí o oxímoro “meritocracia de laços”.

O principal desafio metodológico da tese consistia em trabalhar simultaneamente os dados relativos às propriedades sociais, às credenciais especializadas e aos laços, com o objetivo de verificar em que medida as vinculações efetivas entre agentes expressariam igualmente polarizações entre propriedades sociais, trajetórias profissionais e tomadas de posição políticas. Uma vez desenhada a rede⁷, são aplicados marcadores de propriedades sociais (por exemplo “engenheiros”, “Rio de Janeiro”, “Chicago”, “nascimento entre 1935 e 1945”, “técnicos”, “desenvolvimentistas nacionalistas” etc.) nos pontos médios aproximados de incidência das propriedades sociais. Tal procedimento torna possível, como na análise de correspondências, determinar as clivagens principais entre propriedades sociais e tomadas de posição, conferindo sentido social ao arranjo de laços observado. Desse modo, as clivagens passam a ser delineadas tanto em termos de aproximações e oposições entre indivíduos e instituições quanto em termos de propriedades sociais desigualmente distribuídas.

7. As redes foram construídas com base em laços detectados em documentos, biografias, autobiografias, trabalhos acadêmicos, entrevistas preexistentes e entrevistas conduzidas por Klüger e desenhadas com auxílio do software Gephi.

FIGURA 3
Espaço dos Economistas Brasileiros entre 1930 a 1966



O tamanho do ponto varia em função do número de conexões.

Fonte: Klüger (2017, p. 214).

Para ilustrar tal proposta, apresenta-se uma rede (Figura 3) correspondente ao estado do espaço dos economistas ao final de 1966. No caso, detecta-se estrutura triangular formada pelos grupos desenvolvimentista nacionalista, desenvolvimentista não nacionalista e monetarista. A rede torna visível as propriedades sociais que caracterizam cada um desses agrupamentos. Por exemplo, o grupo desenvolvimentista nacionalista encontra-se na área de maior concentração de advogados, agentes provenientes do Nordeste e do Rio Grande do Sul e daqueles que circularam pela América Latina e pela Europa. Os monetaristas, por sua vez, são predominantemente associados aos cariocas e têm conexões com escolas como Harvard e Chicago. Os desenvolvimentistas não nacionalistas, por fim, encontram-se próximos aos cariocas e mineiros, estabelecendo conexões com escolas de economia estadunidenses menos ortodoxas, como a University of California, Berkeley, Vanderbilt e Yale.

Concomitante à caracterização da rede em termos de propriedades sociais podem ser empregadas ferramentas próprias à análise de rede. Medidas de conectividade/centralidade, por exemplo, evidenciam a distribuição desigual do capital social no universo estudado⁸ (Bourdieu, 1980) e revelam, além do volume de capital, a multiposicionalidade⁹ de agentes que se conectam com diversos grupos e instituições (Boltanski, 1973). Já as medidas de intermediação (*betweenness*), indicando que agentes funcionam como pontes entre grupos e instituições, poderiam ser usadas para indicar o poder decorrente da capacidade de aproximar agentes que, sem o intermediário, não estabeleceriam conexões (Smith-Doerr & Powell, 2005). Na Figura 3, por exemplo, quanto maior a circunferência que representa um indivíduo ou instituição, maior o número de conexões, indicador utilizado para marcar o volume de capital social dos agentes. Percebe-se, no caso, o destaque a agentes como Celso Furtado e Eugênio Gudín, que possuem grande volume de capital social usualmente empregado na luta para definir os princípios dominantes de dominação do espaço dos economistas.

Estudos na área de sociologia das elites conjugaram metodologias também ao converter medidas de volume de capital social derivadas da rede em elemento para construção das ACMs. François Denord (2003), em *Genèse et institutionnalisation du néo-libéralisme en France (années 1930–années 1950)*, construiu redes com base nas afiliações de membros dos principais órgãos franceses de reflexão econômica do entreguerras. A partir das medidas de conectividade extraídas da rede, criou um indicador do volume de capital social e, em seguida, transformou-o em variável a ser inserida na ACM, objetivando o capital social e permitindo que ele fosse uma das variáveis ativas empregadas na construção do espaço social. André Mach, Thomas David e Felix Bühlmann (2011, pp. 106-107), em “La fragilité des liens nationaux: la reconfiguration de l’élite du pouvoir en Suisse, 1980-2010”, ao aplicar o mesmo procedimento, indicam que o capital social foi a variável que teve maior contribuição na determinação das clivagens do espaço social das elites suíças entre 1990 e 2010.

8. O capital social pode ser definido como a soma de recursos reais ou potenciais, mobilizáveis no curto ou no longo prazo, que indivíduos e grupos adquirem através do pertencimento a uma rede durável, que pode ser mais ou menos institucionalizada, de relações de interconhecimento e de obrigações sociais, produzidas e reproduzidas através de incessante trabalho social e de intercâmbios materiais e simbólicos que requerem investimentos estratégicos de tempo e capital (Bourdieu *et al.*, 1973, p. 87; Bourdieu, 1980, p. 2; Bourdieu e Wacquant, 1992, p. 119).
9. A multiposicionalidade é a capacidade de membros da elite, dotados de largos trunfos válidos em diferentes campos, de ocupar posições dirigentes em espaços com variadas lógicas de funcionamento e distinção. A elite dirigente cria vínculos de solidariedade e familiaridade que ajudam a manter sua coesão (Boltanski, 1973, pp. 24-25).

O caminho de conjugação metodológica, aqui denominado *das redes ao espaço social*, contribui com a sociologia das elites ao permitir que se objetive o capital social e a multiposicionalidade dos agentes e que se avalie o peso que esses elementos têm na determinação da estrutura do espaço social. A caracterização social das clivagens encontradas nas redes é igualmente vantajosa à sociologia das elites, pois faz com que os agentes retratados nas redes deixem de ser abstratos e intercambiáveis, demonstrando seus envoltimentos em relações sociais como casamentos, alianças, amizades, apadrinhamentos, frequentemente investigadas nessa abordagem. Ainda, ao retratar as polarizações simultaneamente em termos de laços e propriedades, o pesquisador consegue explicitar os fundamentos sociais da proximidade e da distância entre os agentes observada na rede e demarcar quais os vínculos efetivamente mobilizáveis pelos agentes envolvidos nas disputas em curso no espaço estudado.

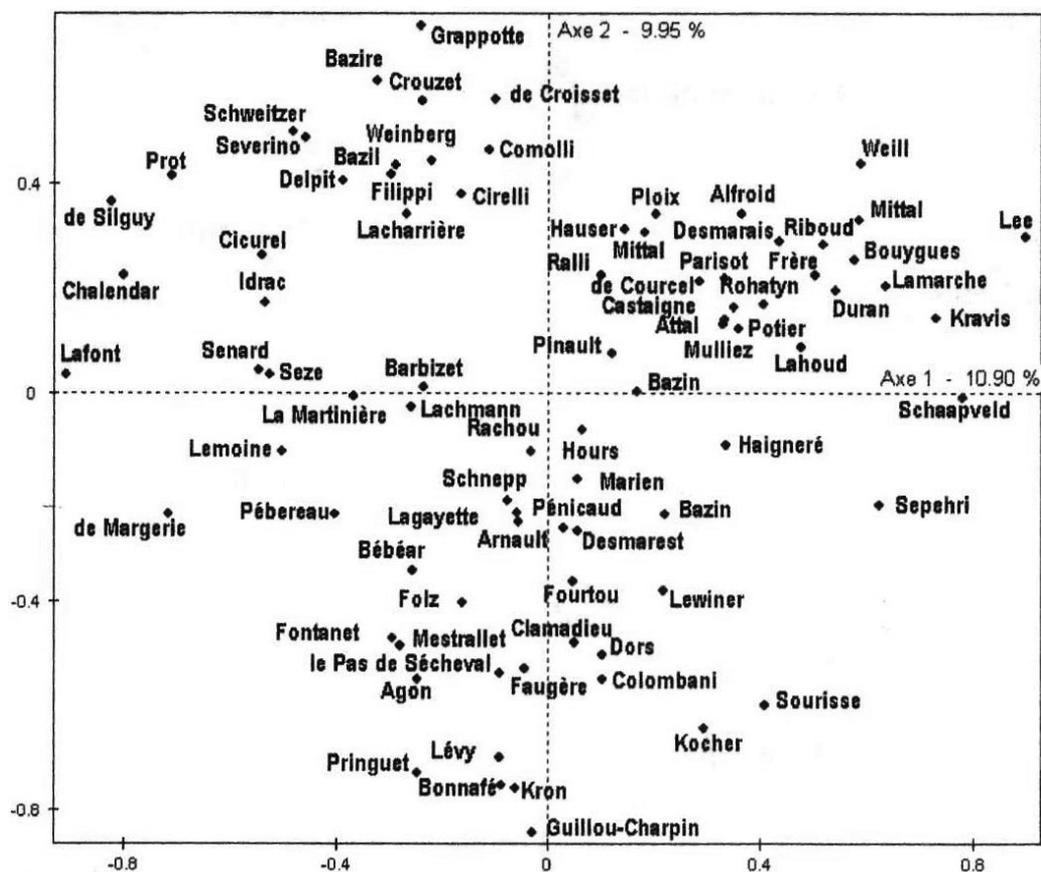
Do espaço social às redes

A conjugação metodológica poderia resultar de procedimento inverso, por meio da *observação da formação dos laços à luz da estrutura do espaço social relacional*, representado geometricamente com auxílio da análise de correspondências. Uma fórmula para conjugar os dois métodos a partir do desenho de ACMS foi desenvolvida inicialmente por Katherine Faust (2005) em “Using correspondence analysis for joint display of affiliation networks”, artigo dedicado ao escrutínio da mistura de técnicas sem discorrer acerca das implicações teóricas dos desenvolvimentos metodológicos propostos. Faust argumentava ser possível dar à análise de rede uma métrica baseada no espaço social relacional, ideia retomada dez anos depois por Denord (2015) no artigo “Géométrie des réseaux sociaux”, publicado no livro organizado por Frédéric Lebaron e Brigitte Le Roux, *La méthodologie de Pierre Bourdieu en action*. Denord cita Faust e tematiza o uso da métrica do espaço social para caracterizar as redes, aplicando a técnica sob a égide teórica do paradigma bourdieusiano e realizando a demonstração de dados relativos às propriedades sociais dos membros de quarenta conselhos de administração, com base nos quais desenha um espaço social geométrico (Figura 4).

Na sequência, representa no espaço social anteriormente apresentado a rede de vínculos efetivos. Com isso, objetiva dar uma métrica estrutural às relações entre indivíduos e apresentar as polarizações entre eles em função das distâncias determinadas de acordo com o grau de afinidade das propriedades sociais associadas aos respondentes (Figura 5).

Ao empregar a métrica do espaço social para caracterizar os laços, o autor explicita as convergências que fundamentam as relações entre agentes e instituições,

FIGURA 4
 Nuvem dos Indivíduos Construída Empregando ACM



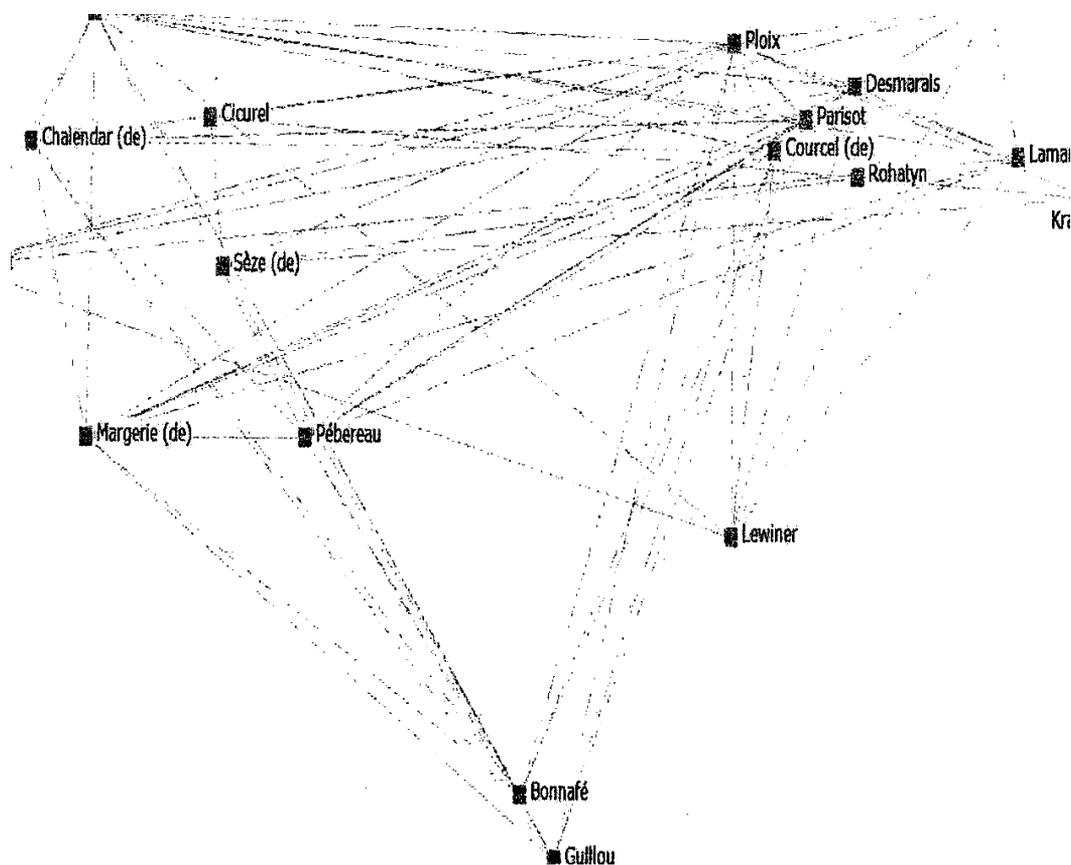
Fonte: Denord (2015, p. 70).

oferecendo elementos para avaliar quais as propriedades sociais que unificam aqueles que aparecem efetivamente vinculados. Assim, enquadra a trama em um universo de forças que precede e ultrapassa as relações entre indivíduos, e, logo, as interações deixam de ser vistas como elemento puro de constituição e reprodução da ordem social.

Ao modelo de representação no qual os laços são projetados no plano geométrico da ACM, encontrado em Faust (2005) e Denord (2015), pode ser acrescentada outra etapa que consiste em anotar as coordenadas de cada um dos indivíduos no espaço, traçar a distância média entre eles e verificar se aqueles que se conectam são mais parecidos entre si que a média. Desse modo torna-se possível avaliar se o *habitus* afinado é um elemento de propulsão para a costura de laços entre os indivíduos. Ao diferenciar as origens dos vínculos projetados, necessita-se ainda avaliar se as

FIGURA 5

Representação dos Laços de uma Administradora de Grandes Conselhos no Espaço dos Indivíduos da Administração



Fonte: Denord (2015, p. 73).

distâncias no espaço variariam de acordo com as modalidades de confecção dos laços representados.

Para ilustrar o procedimento proposto, será apresentado um experimento empírico desenvolvido a partir de 41 entrevistas com dirigentes que estiveram à frente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) entre 1994 e 2011 (Klüger, 2017)¹⁰. Além de informações relativas às origens sociais, trajetórias escolares, práticas culturais e estilo de vida, foram recolhidos dados sobre os vínculos sociais entre os dirigentes do Banco.

10. Entre os 48 dirigentes que o BNDES teve entre 1994 e 2011, 43 estavam vivos na época em que a pesquisa foi realizada, 41 dos quais foram entrevistados. Ainda que seja uma representação quase completa do universo estudado, o efetivo é reduzido e não permite testar plenamente o método proposto, visto haver baixa incidência de cada tipo de laço e grande efeito dos casos desviantes.

O experimento aborda as vias de cooptação para altos cargos de Estado e consiste na tipificação dos laços entre aqueles que convidaram e aqueles que foram convidados a ocupar o cargo de diretor do BNDES, seguida da projeção dos vínculos sobre o plano cartesiano gerado por meio da ACM¹¹. Na sequência, a distância entre aqueles que possuem laços efetivos é contrastada com a distância média dos agentes representados na nuvem dos indivíduos. A proximidade maior do que a média entre os agentes efetivamente conectados indicaria a prevalência da cooptação daqueles que estão mais próximos no espaço social, tendo *habitus* mais afinados. Finalmente, verifica-se se as distâncias variam em função do tipo de vínculo, o que permite testar se a coesão e a afinidade social variam de acordo com o universo (no caso acadêmico, profissional, pessoal ou político) no qual foram tecidos os laços.

Análise de correspondências e construção do espaço social dos dirigentes do BNDES

Primeiramente construiu-se um espaço social com base em dezenove variáveis e 67 modalidades – 65 das quais ativas na construção do espaço –, repartidas em quatro rubricas relativas, respectivamente, à origem familiar, aos atributos sociais pessoais, à trajetória escolar e às práticas culturais e estilo de vida.

A delimitação das variáveis e das modalidades mais contributivas para a formação de cada um dos eixos (Tabela 1) ajuda a avaliar quais as principais clivagens expressas em cada um deles. O eixo horizontal é determinado fundamentalmente por perguntas relativas às origens sociais e socialização no núcleo familiar: antiguidade/prestígio familiar, grau de estudos do pai, profissão do pai, grau de estudos da mãe, profissão da mãe, cidade de nascimento, religiões na família, circulação internacional, domínio de idiomas estrangeiros e lazeres na infância, diversas das quais correlacionáveis à disponibilidade de capital econômico na família, inclusive a possibilidade de cultivar capital cosmopolita. O eixo vertical, por sua vez, é fortemente influenciado por questões relativas ao capital cultural: maior grau de titulação, domínio de idiomas estrangeiros, origem dos filmes de preferência, frequência a concertos, lazeres na infância e militância estudantil, sendo o cultivo de capital cultural influenciado também por traços da origem social que podem impactar nas práticas culturais adotadas, notadamente a origem dos avós e as religiões presentes na família.

A Figura 6 exibe a ACM com seleção de modalidades ativas (também conhecida como COREM)¹² correspondente à Tabela 1 e elementos suplementares, tais como os

11. Agradeço à professora Graziela Perosa que viabilizou o acesso ao software SPAD, com o qual foram elaboradas as análises de correspondências múltiplas.

12. A COREM, ou ACM com escolha das modalidades ativas, permite eliminar as não respostas e algumas modalidades com baixíssimo efetivo (por exemplo, famílias em que não há nenhuma religião) para su-

TABELA 1

Rubricas, Variáveis, Modalidades e Contribuição de Cada Variável e Modalidade para a Formação dos Eixos

RUBRICA (total: 4)	VARIÁVEL (total: 19)	MODALIDADE (total: 67; 65 ativas)	EIXO 1* (9,67)	EIXO 3 (8,09)
ORIGEM FAMILIAR 22 modalidades ativas	Antiguidade/prestígio familiar (pais ou avós políticos, personagens históricos ou profissionais altamente reconhecidos em seus campos de atuação)	Sim	6,21	0,10
		Não	4,40	0,07
		Total	10,62	0,17
	Origem avós	Brasileiros	0,05	2,06
		Brasileiros + estrangeiros	1,66	0,15
		Estrangeiros	1,83	9,03
		Total	3,55	11,23
	Grau de estudos do pai	Ensino fundamental	6,18	0,09
		Ensino médio	1,76	0,50
		Ensino superior	3,95	0,00
		Técnico (militar ou religioso)	0,67	0,49
		Total	12,56	1,08
	Profissão do pai	Assalariado	2,71	0,50
		Comerciante	6,49	2,23
		Funcionário público	0,90	1,74
		Militar	0,05	0,73
		Profissional liberal	4,39	0,01
		Proprietário**		
		Total	14,53	5,22
	Grau de estudos da mãe	Ensino fundamental	2,73	0,16
		Ensino médio	0,05	0,59
		Ensino superior	2,87	1,12
Normalista		1,42	0,00	
Total		7,07	1,87	
Profissão da mãe	Assalariada	0,51	0,81	
	Atividades domésticas	0,06	0,01	
	Profissional liberal	3,54	1,60	
	Professora	2,47	0,03	
	Total	6,59	2,45	

RUBRICA (total: 4)	VARIÁVEL (total: 19)	MODALIDADE (total: 67; 65 ativas)	Eixo 1* (9,67)	Eixo 3 (8,09)	
ATRIBUTOS SOCIAIS PESSOAIS 8 modalidades ativas	Gênero	Homem	0,09	1,14	
		Mulher	0,01	0,09	
		Total	0,10	1,23	
	Cidade de nascimento	Capital	1,05	0,51	
		Interior	4,34	2,09	
		Total	5,39	2,60	
	Religiões na família	Catolicismo	0,02	0,58	
		Cristianismo (excluindo os apenas católicos)	0,13	0,27	
		Judaísmo	2,47	6,91	
		Judaísmo + catolicismo	2,39	1,72	
		Sem religião*			
		Total	5,29	9,47	
	TRAJETÓRIA ESCOLAR 16 modalidades ativas	Tipo de escola na infância/ juventude (pública/privada)	Privada	1,22	0,89
			Pública	0,76	0,47
			Pública + privada	1,00	0,79
Total			2,98	2,15	
Maior grau de titulação		Graduação	1,20	0,16	
		MBA	0,24	1,59	
		Pós-graduação (mestrado acadêmico sem tese)	0,00	2,79	
		Mestrado	0,56	0,08	
		Doutorado	0,08	3,51	
		Total	2,08	8,13	
Circulação internacional		Sim	2,61	0,61	
		Não	2,74	0,64	
		Total	5,35	1,25	
Domínio de idiomas estrangeiros		1 ou 2 idiomas estrangeiros	3,71	4,69	
		3 idiomas estrangeiros	1,90	1,35	
		4 ou mais idiomas estrangeiros	0,10	8,30	
		Total	5,71	14,34	
Militância estudantil		Não	0,75	0,92	
		Sim -	0,00	4,79	
		Sim +	0,67	2,83	
		Total	1,42	8,54	

RUBRICA (total: 4)	VARIÁVEL (total: 19)	MODALIDADE (total: 67; 65 ativas)	Eixo 1* (9,67)	Eixo 3 (8,09)
PRÁTICAS CULTURAIS E ESTILO DE VIDA 19 modalidades ativas	Acompanha partidas de futebol	-	0,15	0,29
		+	0,82	0,28
		++	1,92	0,07
		Não	0,56	2,02
		Total	3,46	2,66
	Origem dos filmes de preferência	Europa	2,24	6,46
		não EUA	0,21	0,00
		EUA	0,07	3,56
		Europa + EUA	0,00	0,75
		Eclético (outros além de Europa e EUA; vejo de tudo)	0,30	0,11
		Total	2,81	10,89
	Frequência a concertos	Não	0,02	0,00
		-	0,09	3,60
		+	0,03	0,06
		Concertos ++	0,00	3,62
		Total	0,15	7,27
	Bebida favorita	Vinho	0,43	0,20
		Não alcoólica	0,93	0,94
		Outras alcoólicas (uísque etc.)	0,04	3,13
		Total	1,40	4,27
	Lazer na infância	Popular (brincadeiras e esportes que não requeriam equipamentos caros)	2,24	2,37
		Elite (viagens, atividades com equipamentos caros)	6,72	0,03
		Intelectual	0,00	6,85
		Total	8,96	9,25

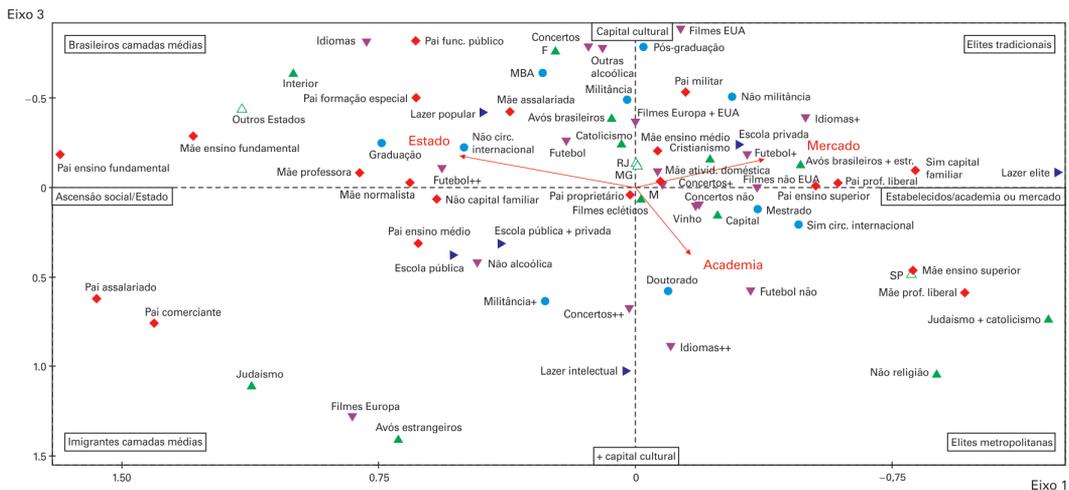
Vermelho: modalidade com contribuição superior à média e correlação positiva com capital cultural ou posição estabelecida; azul: modalidade com contribuição superior à média e correlação negativa com capital cultural ou posição estabelecida; verde: variáveis com contribuição superior à media.

*O baixo efetivo de respostas faz com que o teste seja empregado antes como uma exposição do método do que como uma descrição apurada do universo social representado. Efeito disso é, por exemplo, o baixo valor próprio dos eixos, que pode resultar do baixo número de casos referentes a cada modalidade, sendo difícil a formação de clivagens no espaço. Uma explicação alternativa para o reduzido valor dos eixos poderia advir do grau de homogeneidade dos indivíduos estudados, não havendo polarizações nítidas que representem universos excludentes.

** Modalidades com baixa incidência que foram transformadas em suplementares para não distorcer o desenho do espaço, não contribuindo para a formação dos eixos.

Fonte: Klüger (2017).

FIGURA 6
Espaço das Propriedades Sociais



As setas ao centro indicam os tipos predominantes de trajetórias: no Estado, no mercado ou na academia; triângulo verde: dados gerais relativos às origens sociais (religião, país de origem dos avós, cidade e estado de nascimento dos entrevistados); losango vermelho: dados de origem social com impacto direto na aquisição de capitais econômicos e culturais (formação e profissão dos pais); triângulo lateral azul marinho: aquisição primária de capital cultural (investimento escolar e lazer na infância); círculo azul: aquisição secundária de capital cultural (formação acadêmica); triângulo invertido magenta: práticas culturais e estilo de vida atual (concertos, filmes, futebol, bebidas, domínio de idiomas).

Fonte: Entrevistas com diretores do BNDES realizadas entre 2012 e 2015 (Klüger, 2017).

indicadores de percentual dos anos de carreira (do fim da graduação até o ingresso na direção do BNDES) passados no Estado, no mercado e na academia, empregados por sinalizar correlações entre determinados *habitus* e tipos de trajetórias.

Uma vez delineados os eixos e distribuídas as modalidades, busca-se nomear cada quadrante do espaço de acordo com as propriedades nele representadas. No caso, o quadrante formado pelo encontro do perfil “ascensão social/Estado”, do eixo horizontal, com baixo capital cultural, do eixo vertical, foi denominado *brasileiros de camadas médias*, por estarem nele localizados: agentes relativamente desprovidos de capital econômico e sem marcadores de antiguidade e prestígio familiar, longa origem brasileira, nascimento no interior e/ou em outros estados que não Rio de Janeiro e São Paulo, pais com profissões mais modestas e menos estudo etc. Há uma convergência entre o perfil e a trajetória de ascensão via concurso público e trabalho no Estado. Quanto às práticas culturais, encontram-se neste ponto os lazeres popu-

primir distorções que poderiam resultar da inclusão dessas respostas na construção do espaço. A ACM, por focar as distâncias relativas às propriedades distintivas, é bastante influenciada pela presença de modalidades raras, que caracterizam os extremos, ao passo que as modalidades mais difundidas na população tendem a ficar no centro.

lares na infância, a larga apreciação do futebol, a baixa frequência a concertos e o baixo domínio de idiomas.

Abaixo, no encontro da “ascensão social/Estado”, no eixo horizontal, com o “alto capital cultural”, no eixo vertical, forma-se o quadrante *imigrantes de camadas médias*. Aqueles localizados neste ponto também descendem de pessoas sem marcadores de antiguidade e prestígio e com baixo estudo formal e profissões relativamente modestas. Houve, entretanto, um forte investimento de suas famílias no cultivo do capital cultural das gerações seguintes, que resultou no domínio de múltiplos idiomas, na frequência a concertos, no maior número de doutorados, no lazer intelectual na infância etc. As entrevistas revelaram a existência de um conjunto de descendentes de imigrantes (quase todos europeus) que acumularam capital econômico, predominantemente exercendo atividades comerciais, o que permitiu que os filhos e os netos pudessem concentrar-se nos estudos, reconvertendo o capital econômico familiar em capital cultural. O cosmopolitismo daqueles que cultivaram idiomas estrangeiros e voltaram-se a práticas culturais de matriz europeia poderia também ser associado ao laço próximo com o velho continente, decorrente da imigração recente da família.

Na área denominada de *elites metropolitanas*, na qual converge o perfil “estabelecidos/academia” do eixo horizontal com o “alto capital cultural” do eixo vertical, aparecem dirigentes nascidos nas capitais, notavelmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, com pais que cursaram ensino superior e eram profissionais liberais. Suas famílias, tendo acumulado em paralelo capital econômico e cultural, puderam sustentar investimentos escolares prolongados, figurando neste ponto do espaço a maior incidência de mestres e doutores, os que tiveram maior chance de estudar idiomas e circular internacionalmente, coincidindo com práticas culturais consideradas socialmente distintivas, entre as quais a alta frequência a concertos e a não adesão ao futebol.

O último quadrante, no qual converge o perfil “estabelecidos/mercado” no eixo horizontal com o “baixo capital cultural” no eixo vertical, abriga *elites tradicionais*, com maior prestígio familiar, antiguidade no país e capital econômico – atestado, por exemplo, pelo lazer de elite na infância. Esse não é necessariamente reconvertido nos mais altos trunfos culturais, ainda que haja uma aplicação de recursos materiais na educação, como sugere a concentração das escolas privadas nessa área do espaço. Ainda que predominem pais com ensino superior exercendo profissões liberais, observa-se uma diferença no que concerne às mães que, em sua maioria, concluíram apenas o ensino médio e mantêm atividades domésticas, papel tradicionalmente atribuído às mulheres das frações não inteiramente intelectualizadas das elites. A reprodução do capital econômico norteia os investimentos profissionais dos representados nesse quadrante do espaço, visto ser o ponto em que mais pessoas se

dirigem ao mercado, optando por formações *lato sensu* em detrimento dos títulos inteiramente acadêmicos. Esse perfil coincide com o cultivo médio de idiomas e com práticas culturais mescladas e categóricas, figurando ao mesmo tempo, por exemplo, o cinema apenas dos EUA, os que dizem ver filmes estadunidenses e europeus, e os que afirmam não ver filmes dos EUA, posições distintas daquela do apreciador de cinema eclético que descreve sua posição em termos da existência de cinema de qualidade em todas as regiões, mencionando filmes e diretores de variadas nacionalidades.

Uma vez desenhada a estrutura de polaridades e caracterizadas as frações residentes em cada ponto do espaço social, torna-se possível qualificar os laços e avaliar se os vínculos efetivos tendem a conectar aqueles que, de acordo com a teoria bourdieusiana, teriam maior probabilidade de coligar-se dada a afinidade de seus *habitus*. Para tanto, serão representados os laços acionados nos convites para ocupar a posição de dirigente do BNDES. O caso visa apenas ilustrar a proposta metodológica, visto ser imperfeito para um teste efetivo do efeito do *habitus* sobre a tessitura dos laços, dado o caráter limitado do conjunto de dados e a mediação exercida pela política nas nomeações para um alto cargo de governo. O exemplo será utilizado, não obstante, por haver disponibilidade concomitante de informações relativas às disposições sociais e aos laços dos entrevistados. Ao final são apresentadas propostas para realização de testes efetivos da via indicada para conjugação metodológica, em maior escala e em contextos nos quais as vinculações retratadas não são alvo de tamanha ingerência externa.

Classificação dos vínculos mobilizados na convocação para a diretoria e projeção dos laços no espaço social

Há duas décadas a composição da diretoria do BNDES resulta de uma mescla entre especialistas recrutados externamente e funcionários de carreira da instituição¹³. Via de regra, o Presidente da República define quem será o presidente do BNDES, ao qual cabe a montagem de sua equipe, havendo eventualmente alguma indicação do Presidente ou do partido incumbente.

O roteiro das entrevistas realizadas com os ex-diretores do período contemplava as seguintes questões acerca das nomeações:

13. Dos 48 diretores que o BNDES teve no período em pauta, 24 foram recrutados externamente para ocupar a posição de diretoria, 21 eram funcionários de carreira do Banco (somando os concursados, os que ingressaram por meio das subsidiárias e o que foi recrutado através do prêmio BNDES de economia – oferecido anualmente pelo Banco a dissertações de mestrado e teses de doutorado em economia) e três eram funcionários cedidos de outras burocracias públicas, requisitados para a diretoria do Banco.

- De quem recebeu o convite para ser diretor pela primeira vez?¹⁴
- Conhecia previamente aquele que o convidou?
- Caso sim, em que meio travaram conhecimento?
- Caso não, houve uma recomendação para que fosse recrutado? Se sim, ela foi feita por quem?

A análise das informações acerca das vias de convocação para a direção do Banco permite classificar os laços que os unem e analisar as variações entre o grau de proximidade de acordo com o tipo de laço.

Dos 38 casos para os quais há informações referentes à questão número 2, 28 afirmam ter conhecido pessoal e anteriormente o responsável pelo convite para a diretoria, o que representa quase três vezes o número daqueles que não se conheciam. Tal dado revela que, ainda que os diretores possuam, via de regra, amplo capital cultural, especialização em economia e reconhecimento profissional¹⁵, trunfos indispensáveis para a legitimação da nomeação e das decisões por eles tomadas, há poucos casos em que o recrutamento foi feito apenas por progressão e desempenho, ou seja, por vias ditas meritocráticas. É significativo que isso ocorra mesmo em uma instituição como o BNDES, comumente descrita como um bolsão de eficiência ou ilha de excelência no governo, na qual a carreira interna é estruturada e a progressão ocorreria por desempenho e senioridade (Evans, 1995, pp. 44-48).

A explicação para tal fenômeno residiria na natureza do cargo de confiança, que requer não só alta qualificação acadêmica e profissional, mas também afinidade ideológica e lealdade pessoal e política, razão pela qual os responsáveis pela montagem das equipes geralmente optam por recrutar conhecidos. Nesse sentido, caberia avaliar a importância do capital social e da multiposicionalidade na conquista de posições de poder e prestígio e indagar em que universos os dirigentes se aproximaram, com a intenção de avaliar se haveria convergências de *habitus* subjacentes à convocação para integrar a equipe de governo. Para tanto, mapeou-se em que universos foram forjados os vínculos que deram acesso à diretoria do Banco de acordo com a seguinte classificação¹⁶:

14. A primeira vez, neste caso, é limitada a exercícios no período de 1994 a 2011, contemplado na pesquisa, sendo descartados os dados relativos a passagens prévias pela diretoria.
15. Dos 41 diretores entrevistados, dezesseis possuíam doutorado, oito, mestrado completo, sete, mestrado sem dissertação, seis, MBA e quatro apenas a graduação, sendo a concentração de altos títulos acadêmicos quase duas vezes maior entre diretores externos do que entre concursados que ascenderam à diretoria.
16. Há indivíduos que reportam o primeiro contato em mais de uma esfera, razão pela qual a soma do número de laços por categoria é maior que o total de respondentes.

- Academia: oito estabeleceram laços na vida acadêmica, sendo três ex-alunos de quem os convidou.
- Mercado: sete afirmaram ter costurado vínculos no mercado privado, em consultorias, instituições financeiras, ou empresas que mantinham relações com instituições financeiras.
- Política: doze reportaram laços oriundos da esfera política, seja da militância universitária e/ou partidária, seja do trabalho próximo em outros governos e órgãos de Estado.
- Social: três indicaram ter tido contato inicial em círculos sociais mundanos.
- BNDES: quatro contam que se aproximaram no próprio BNDES, sendo dois enquanto colegas de Banco e dois em passagens prévias pela diretoria do Banco.

Dos dez entrevistados que não tinham laços anteriores com aquele de quem partiu o convite:

- Com recomendação externa: seis comentaram ter havido indicação para que fossem recrutados, dois sabiam precisamente quem indicou seu nome, dois conheciam o meio por meio do qual ocorreu a indicação e dois afirmaram não saber a origem da conexão.
- Sem recomendação externa: quatro disseram suspeitar que a escolha seria resultado da progressão meritocrática no Banco e de interações, ao longo dos anos, com os diretores incumbentes.

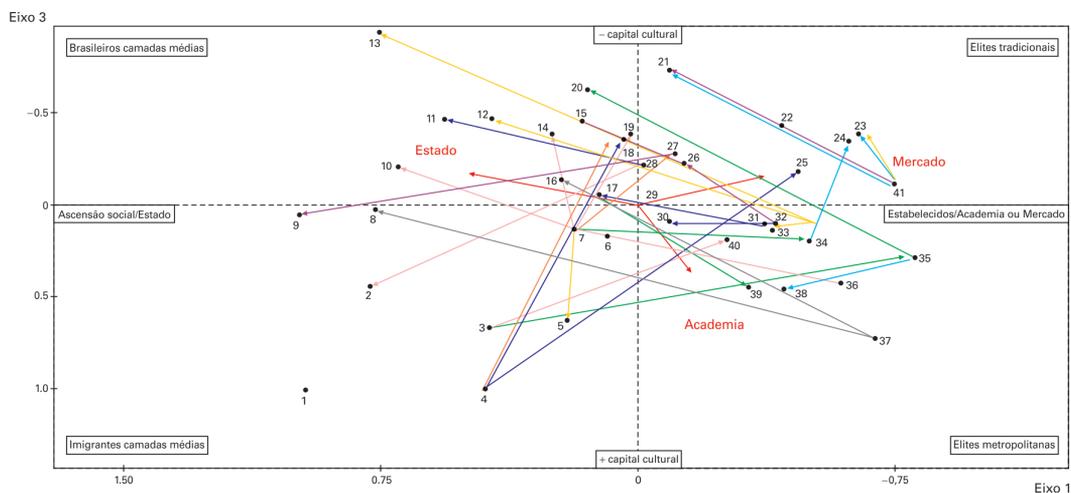
Em 29 dos casos, ao menos uma das pessoas responsáveis pelo convite fez parte do mesmo conjunto de dirigentes entrevistados, sendo esses os laços que aparecem projetados sobre o espaço social na Figura 7. Adicionalmente, aparecem dois casos para os quais não há informações acerca do âmbito no qual foram tecidos os laços. As setas no desenho começam no indivíduo que realizou o convite para a direção do Banco e seguem em direção ao convidado.

Um primeiro comentário, decorrente da simples observação da Figura 7, diz respeito ao sentido das setas que partem, quase sempre, de pontos de maior capital cultural e posições sociais privilegiadas para áreas que representam menor acúmulo de trunfos. Os presidentes do Banco no período, os maiores responsáveis pelas nomeações, encontram-se quase todos em pontos dos eixos que indicam alto capital cultural e/ou origem social estabelecida, indicando correlação entre a posse de trunfos e o grau de prestígio das posições ocupadas.

Os laços tecidos na academia e em meios mundanos partem todos de pessoas mais dotadas em capital cultural. Os laços tecidos no mercado ficam todos na área

FIGURA 7

Espaço dos Indivíduos e Laços por meio dos quais Ocorreram os Convites para Compôr a Diretoria do BNDES



Vermelho: indicadores dos tipos predominantes de trajetórias: no Estado, no mercado ou na academia. Universo no qual teceram os laços: azul: mercado; laranja: relações mundanas; verde: política ou gestão governamental; roxo: BNDES; azul marinho: academia; rosa: não possuíam laços, mas alguém indicou; amarelo: não se conheciam anteriormente; cinza: sem dados acerca da origem do laço. Fonte: Entrevistas com diretores do BNDES realizadas entre 2012 e 2015 (Klüger, 2017).

ocupada pelos estabelecidos e quase todos em meio à elite tradicional. Os convites oriundos de vínculos costurados no BNDES e aqueles entre pessoas que não se conheciam até que um dos diretores ingressasse no Banco orientam-se todos dos mais estabelecidos socialmente para os menos. Os casos em que há ampla variação nos padrões de vinculação são os laços cerzidos na política e os convites feitos por recomendação externa.

À observação do sentido dos vínculos seguem-se a mensuração da distância média entre os agentes e a mensuração da distância média de acordo com o tipo de vínculo. Para efetuar o cálculo foram anotadas as coordenadas de cada indivíduo no espaço, calculadas as distâncias no plano cartesiano entre os pontos correspondentes a cada par de indivíduos e comparados os valores de cada subgrupo em relação à média geral.

A comparação das distâncias revela que, por exemplo, no caso da política, não só o sentido e dispersão dos laços não é regular, mas também as distâncias entre os agentes conectados são as maiores reportadas. Quanto aos laços estreitados no mercado, por estarem quase todos os agentes no mesmo quadrante, a separação entre eles é a menor observada, indicando *habitus* mais coesos. No caso dos laços acadêmicos e mundanos, há forte impacto resultante da presença de indivíduo com altíssimo

TABELA 2
Distâncias no Espaço Social Classificadas de Acordo com o Meio de Origem dos Laços

ORIGEM DO LAÇO	DISTÂNCIA MÉDIA POR UNIVERSO DE ORIGEM DO LAÇO
Academia	0,84
Mercado	0,54
Política	0,95
Social	0,73
BNDES	0,70
Com recomendação externa	0,72
Sem recomendação externa	0,77
Média geral da distância entre indivíduos conectados por convites para a diretoria	0,79
Média geral da distância entre pontos	0,83

Vermelho: maior distância social detectada; azul: menor distância social detectada.

Fonte: Klüger (2017).

capital cultural. O alongamento das distâncias resultante da presença de indivíduos discrepantes é menos provável em pesquisas que contemplem maior número de casos, não sendo os poucos extremos tão determinantes do resultado.

No geral, a comparação da distância média entre os efetivamente amalgamados e a distância média geral sugere que aqueles que aparecem conectados têm *habitus* levemente mais parecidos, visto a distância entre eles corresponder a 95% da média geral. Entretanto, postulava-se que esse valor seria significativamente maior – em consonância com a premissa segundo a qual os vínculos não são abstratos, tendo maior chance de ocorrer entre pessoas objetivamente próximas em um espaço social estruturado –, indicando haver um impacto das afinidades na costura dos laços.

Algumas explicações podem ser mobilizadas para explicar a pouca discrepância das distâncias entre os conectados e os não conectados. Além do baixo efetivo, da fraqueza dos eixos e do desvio representado por agentes discrepantes, há especificidades associadas ao caráter heterônomo¹⁷ do universo estudado (Lebaron, 2000),

17. O campo da ciência econômica surgiu emaranhado na atividade de gestão pública, e – não obstante sua reivindicação de autonomia, seu esforço para o estabelecimento de critérios científicos e até mesmo para a validação matemática de suas afirmações – a heteronomia em relação ao campo do poder não desaparece (Lebaron, 2000). No caso das nomeações de economistas para posições dirigentes, o caráter heterônomo fica explícito, havendo demanda concomitante por qualificação auferida pelos pares no campo da ciência econômica e por disposição para os jogos do campo do poder.

havendo numerosos elementos de natureza política que interferem nas nomeações. Por exemplo, a aprovação ou não de determinados especialistas pelas lideranças partidárias, a definição do perfil e a missão de cada gestão que pode levar ao recrutamento de mais funcionários de carreira do Banco, de mais acadêmicos ou de pessoas ligadas ao mercado, ou seja, a nomeação não expressa necessariamente afinidade social (Klüger, 2017).

Conclusão

A conjugação de redes e espaços sociais contribui para operacionalizar investigações nas quais seja possível identificar o efeito da orquestração do *habitus* no estabelecimento de relações pessoais. Os exemplos extraídos de pesquisas na área de sociologia das elites elencam alguns objetos que poderiam ser estudados com auxílio da combinação metodológica, entre os quais as vias de nomeação para postos de direção, o efeito do capital social e da multiposicionalidade na estruturação de espaços sociais ou a detecção das propriedades sociais comuns a subgrupos de indivíduos efetivamente conectados.

Os procedimentos apresentados poderiam ser aplicados a outros temas de interesse da sociologia das elites. Por exemplo, permitiriam avaliar em termos quantitativos como a afinidade de *habitus* impacta nos resultados de processos seletivos de grandes empresas, tema caro a esta perspectiva, analisado por Lauren Rivera em *Hiring as cultural matching* (2014). Seria possível detectar, igualmente, em que medida clubes, alianças e parcerias amorosas reúnem pessoas estruturalmente próximas. Ou, ainda, acompanhar os padrões de vinculação social de uma coorte ao longo do tempo, comparando as amizades cultivadas por alunos em diferentes momentos de sua vida estudantil, com o objetivo de avaliar se com o passar do tempo eles tenderiam a introduzir parâmetros de distinção social e estreitar seus laços com colegas mais próximos no espaço social.

Em suma, a conjugação metodológica permite que laços e redes sejam observados em meio a propriedades sociais e trunfos desigualmente distribuídos. Consequentemente, os agentes presentes na rede deixam de ser amorfos e intercambiáveis, e o espaço social deixa de indicar apenas condições teóricas para aproximação de indivíduos, sem que se observe os padrões efetivos de vinculação entre eles. As combinações de métodos propostas, se conduzidas de maneira ampla e sistemática, permitiriam perseguir a hipótese segundo a qual a proximidade no espaço social engendraria convergências de *habitus* que impactariam nas relações e interações e nas características determinantes das proximidades e distâncias observadas nas redes sociais.

Referências Bibliográficas

- ANHEIER, Helmut *et al.* (1995), "Forms of capital and social structure in cultural fields: examining Bourdieu's social topography". *American Journal of Sociology*, 100 (4): 859-903.
- BECKER, Howard & PESSIN, Alain. (2006), "A dialogue on the ideas of 'world' and 'field'". *Sociological Forum*, 21 (2): 275-286.
- BOLTANSKI, Luc. (1973), "L'espace positionnel: multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe". *Revue Française de Sociologie*, 14 (1): 3-26.
- BOTTERO, Wendy & CROSSLEY, Nick. (2011), "Worlds, fields and networks: Becker, Bourdieu and the structures of social relations". *Cultural Sociology*, 5 (1): 99-119.
- BOURDIEU, Pierre. (1980), "Le capital social". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31: 2-3.
- _____. (1989), *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- _____. (2000), *Les structures sociales de l'économie*. Paris, Seuil.
- _____. (2008), *Homo academicus*. Buenos Aires, Siglo XXI.
- BOURDIEU, Pierre *et al.* (1973), "Les stratégies de reconversion: les classes sociales et le système d'enseignement". *Social Science Information*, 12 (5): 61-113.
- BOURDIEU, Pierre & SAINT MARTIN, Monique de. (1978), "Le patronat". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 20-21: 3-82.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loïc. (1992), *An invitation to reflexive sociology*. Cambridge, Polity.
- BÜHLMANN, Felix *et al.* (2012), "Cosmopolitan capital and the internationalization of the field of business elites: evidence from the Swiss case". *Cultural Sociology*, 7 (2): 211-229.
- DENORD, François. (2003), *Genèse et institutionnalisation du néo-libéralisme en France (années 1930-années 1950)*. Paris, tese de doutorado, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- _____. (2015), "Géométrie des réseaux sociaux". In: LEBARON, Frédéric & LE ROUX, Brigitte. *La méthodologie de Pierre Bourdieu en action: espace culturel, espace social et analyse de données*. Paris, Dunod.
- DENORD, François *et al.* (2011), "Le champ du pouvoir en France". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 190 (5): 24-57.
- EMIRBAYER, Mustafa. (1997), "Manifesto for a relational sociology". *American Journal of Sociology*, 103(2):281-317.
- EVANS, Peter. (1995), *Embedded autonomy: States and industrial transformation*. New Jersey, Princeton University Press.
- FAUST, Katherine. (2005), "Using correspondence analysis for joint display of affiliation networks". In: CARRINGTON, Peter J. *et al.* *Models and methods in social network analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 117-147.
- GRANOVETTER, Mark. (2007), "Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão". *RAE Eletrônica*, 6 (1).

- HEY, Ana Paula. (2008), *Esboço de uma sociologia do campo acadêmico: a educação superior no Brasil*. São Carlos, EdUFSCar.
- KHAN, Shamus Rahman. (2012), "The sociology of elites". *Annual Review of Sociology*, 38: 361-377.
- KLÜGER, Elisa. (2016), "Espaço social e redes: embates e possíveis convergências metodológicas". Caxambu, trabalho apresentado no 40º Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Anpocs, 2016.
- _____. (2017), *Meritocracia de laços: gênese e reconfigurações do espaço dos economistas no Brasil*. São Paulo, tese de doutorado em sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- LAZEGA, Emmanuel. (1998), *Que sais-je? Réseaux sociaux et structures relationnelles*. Paris, PUF.
- LEBARON, Frédéric. (2000), *La croyance économique: les économistes entre science et politique*. Paris, Seuil.
- _____. (2005), "Action économique et capital symbolique". *Regards Sociologiques*, 30: 73-89.
- _____. (2008), "Central bankers in the contemporary global field of power: a 'social space' approach". *The Editorial Board of the Sociological Review*, 56 (s1): 121-144.
- _____. (2010), "L'analyse géométrique des données dans un programme de recherche sociologique: le cas de la sociologie de Bourdieu". *Modulad*, 42: 102-109.
- MACH, André *et al.* (2011), "La fragilité des liens nationaux: la reconfiguration de l'élite du pouvoir en Suisse, 1980-2010". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 190: 78-107.
- MARQUES, Eduardo Cesar. (2007), "Os mecanismos relacionais". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22 (64): 157-161.
- NOOY, Wouter de. (2003), "Fields and networks: correspondence analysis and social network analysis in the framework of field theory". *Poetics*, 31: 305-327.
- RIVERA, Lauren A. (2012), "Hiring as cultural matching: the case of elite professional service firms". *American Sociological Review*, 77 (6): 999-1022.
- SAPIRO, Gisèle. (2006), "Réseaux, institutions et champ". In: MARNEFFE, Daphné de & DENIS, Benoît (orgs.). *Les Réseaux Littéraires*. Bruxelles, Le Cri/Ciel.
- SERINO, Marco *et al.* (2017), "Bridging social network analysis and field theory through multidimensional data analysis: the case of the theatrical field". *Poetics*, 62: 66-80
- SMITH-DOERR, Laurel & POWELL, Walter W. (2005), "Networks and economic life". In: SMELSER, Neil & SWEDBERG, Richard (orgs.). *Handbook of Economic Sociology*. 2. ed. Princeton, Princeton University Press, pp. 379-402.
- SONNETT, John. (2016), "Ambivalence, indifference, distinction: a comparative netfield analysis of implicit musical boundaries". *Poetics*, 54: 38-53.
- WATTS, Duncan J. (1999), "Networks, dynamics, and the small-world phenomenon". *American Journal of Sociology*, 105 (2): 493-527.

Resumo

Espaço social e redes: contribuições metodológicas à sociologia das elites

O artigo apresenta uma contribuição metodológica à sociologia das elites, ao focar a conciliação de desenhos de redes sociais com construções de representações geométricas de espaços sociais, com auxílio da análise de correspondências múltiplas. Após discutir aspectos para a convergência das metodologias, comenta-se trabalhos que posicionam as propriedades sociais nas redes ou que desenham laços nos espaços sociais. Finalmente, indica-se que tal aproximação poderia dotar a sociologia das elites de acuidade para testar se há maior probabilidade de aproximação entre agentes que possuem *habitus* afinados, para operacionalizar a noção de capital social e para compreender em termos estruturais e relacionais processos de cooptação e coligação de membros das frações dominantes, tais como casamentos, clubes, eleição de sucessores e formação de alianças profissionais e políticas.

Palavras-chave: Elites; Redes sociais; Análise de correspondências múltiplas.

Abstract

Social space and networks: methodological contributions to the sociology of elites

This article presents a methodological contribution to the field of sociology of elites based on the conjugated use of social networks and geometric social spaces, generated using multiple correspondence analysis. After discussing how these methods can be associated, it depicts research works that place social properties on networks or draw networks on social spaces. Finally, it is shown how methodological conjugation can contribute to the field of sociology of elites by offering a way to test if there is a greater probability of approximation between those who have convergent habitus, to operationalize social capital and to comprehend – in a structural and relational perspective – processes of cooptation and colligation of members of dominant fractions through marriages, clubs, choice of successors and professional and political alliances.

Keywords: Elites; Networks; Multiple correspondence analysis.

Texto recebido em 1/2/2017 e aprovado em 14/8/2017. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2017.125961.

ELISA KLÜGER é pós-doutoranda do Programa Internacional de Pós-doutorado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap).